

A MEDITAÇÃO DO TIETÊ DE MÁRIO DE ANDRADE: A DOR HUMANA PERTINAZ

'A MEDITAÇÃO DO TIETÊ' BY MÁRIO DE ANDRADE: THE PERMANENT HUMAN PAIN

Tiago De Carvalho

Tiago Carvalho é Doutor em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra - UC, com Certificado de Doutor em Literatura revalidado pela Universidade de Brasília. A Tese de doutoramento se permitiu no discurso interdisciplinar entre a Literatura, Artes, Filosofia, História e Ciência Política num diálogo comparativo entre a fundação da cidade de Brasília e o Mundo Antigo nas suas referências ocidentais de Grécia e Roma. É Mestre em Teoria Literária pela Universidade de Brasília - UNB, com trabalho sobre a Semiologia do Teatro e o Teatro Político de Bertolt Brecht. Tiago Carvalho destaca-se pela pesquisa na área de literatura e teatro com diálogo sempre voltado para o âmbito político. Professor do ensino básico e superior há mais de 20 anos, tem longa experiência na área de Educação como professor de Língua e Literatura. Professor do Instituto Federal de Brasília. Atualmente, trabalha também como membro do corpo diretivo e editorial da Tanto Mar Editores. Tiago assina seus textos literários e acadêmicos como Tiago De Carvalho.

Resumo

A poesia de Mário de Andrade está para o primeiro modernismo brasileiro como lição, cartilha e manifesto. A evolução dessa poesia desde “Há uma gota de sangue em cada poema” demonstrou um poeta, fundamentalmente, preocupado com a estética e com o homem, mas precisamente o homem de seu bairro. Este homem daria vazão ao modelo de humanidade que ele sentia, com o qual se angustiava e com o qual também assistia os eventos da modernidade a ele tão caros. Considerar como maior poema de Mário de Andrade, “A meditação sobre o Tietê”, não há nisso novidade, mas dar a este poema uma leitura que reúna o poeta, a modernidade e a meditação sobre o homem. Este é o papel e a meta deste texto, com um detalhe visto por nós na poesia de Mário, ela é dor humana e pertinaz.

Palavras-chave: Mário de Andrade; Modernismo; Modernidade; A dor humana.

Abstract

The poetry of Mario de Andrade constitutes for the first Brazilian modernism a lesson, a guideline and a manifest at the same time. Since “Há uma gota de sangue em cada poema” the evolution of this poetry has shown a poet deeply preoccupied with aesthetics and with the human, albeit only with the one from his own neighbourhood. This human would give space to the model of humanity that he was feeling, that distressed him and with which he was watching the events of modernity that were so important to him. Regarding the greatest poem of Mário de Andrade called “A meditação sobre o Tietê”, there is nothing new about it. However, the role and the objective of this text is to give this poem a reading that reunites the poet, modernity and the meditation about the human being. We hereby pay particular attention to specific aspects in Mário’s poems, which are the human pain and persistence.

Keywords: Mário de Andrade; Modernism; Modernity; Human Pain.

Nós somos os homens ociosos / Os homens empalhados

Uns nos outros amparados / O elmo cheio de nada.
Ai de nós!
(T.S.Eliot)¹

Meditar sobre o homem foi uma tarefa dos poetas modernos. Friedrich, sobre a lírica moderna,² chega a afirmar que entre a festa do intelecto e a derrocada do intelecto a poesia moderna é em alguma medida (Friedrich, 1991, p.144): “... um quadro autônomo, objetivo de si própria, cujos conteúdos subsistem apenas graças a sua linguagem, sua fantasia ilimitada ou a seu jogo irreal de sonho”.

Mário de Andrade meditou demasiado sobre o homem moderno. Mário de Andrade realizava as meditações mais demoradas da primeira poesia moderna brasileira, e talvez as meditações mais longas de toda nossa poesia moderna. Mário de Andrade sem o simbolismo dos franceses e seus abstracionismos apelou para linguagem, para a fantasia ilimitada e para o jogo irreal do sonho em: “A meditação sobre o Tietê”, aquele que considero um dos mais belos poemas livres, no mais amplo sentido, de toda poesia brasileira.

Mário de Andrade, foi o poeta moderno com quem fiz meu primeiro contato mais profundo no Modernismo, a pedido de uma querida professora na Universidade para musicar a letra do poema: *Eu sou quinhentos, sou quinhentos e cincoenta*, tarefa que não cumpri e que foi cumprida por um outro colega mais habilidoso do que eu no violão, mas suficiente para me dar na época uma primeira impressão que hoje resumo como árida de sua poesia.

Mário de Andrade era muito musical, e “A meditação sobre o Tietê” começa como música, começa como cancionário medieval: “Rio que entras pela terra e que me afastas do mar”³; começa como cantiga, é cantiga meditativa, é cantiga de violão. A meditação do rio de São Paulo é antes de tudo a meditação modernista, não como a crítica fez entoar algumas vezes de uma meditação contra o passado, mesmo que fosse, ou também sendo, aqui propomos que esta meditação através do rio paulista, o Tietê, e o que ele carrega é uma meditação sobre a dor persistente e insistente no homem moderno.

A meditação modernista é o gosto pela rima simples e pela canção popular e pela língua da gente, pela língua do povo, menos nacionalista que no romantismo francês (nossa herança), e menos intelectualista que o realismo europeu (nossa herança), mas cheia de dois sentimentos: meditar como amor e dor, e meditar como o fluxo do rio da cidade, aqui lembrando Caeiro e “o rio da

minha aldeia”⁴, que é tudo por ser o rio da nossa aldeia, só ele pode decantar nossa existência.

O poema é um poema de um poeta de “coração exausto”⁵, de um poeta próximo da morte, de um poeta cujo espelho da vida, da cidade que amava, da história lírica que construía necessitava de meditação e o rio voltava a essa máxima heraclitiana da renovação associada à aura e memória do homem Mário de Andrade. E o rio era o espaço em que o poeta, como um bom e velho modernista podia colocar todas as suas metáforas indecifráveis e outras tão decifráveis e óbvias que entre “dinossauros” e “arranha céus” o poeta percebia o quão grandioso era o rio, a cidade do rio, o mundo, a modernidade, e o quão pequeno para enxergar é a “forma humana corrupta da vida que muge e se aplaude”...

Uma poesia cujo sintoma era como tudo relativo ao Modernismo de 1922, parecia tudo da mais alta inteligência, parecia tudo da mais profunda e complicada no acesso de mentes pouco treinadas, e só depois com a clareza e a maturidade de alguns anos de que muito do produto do nosso primeiro modernismo nem mesmo os modernistas poderiam ter como domínio na totalidade de suas propostas.

E a aridez se tornou um misto de desconfiança de parte desta poética de *burilamento*, no sentido de encontrar aquilo que eu chamaria mesmo de grande poesia e que encontrei em dois poemas de Mário de Andrade ao longo do tempo, o primeiro pelo gostoso de seu tom histórico e declamatório: *O poeta come amendoim*⁶, mas de fato o que é um grande poema para mim, cerebral, sensível e grandioso: “A Meditação sobre o Tietê”.

Este último sim, um poema longo, auspicioso, duro e sensível, móvel e sujo como o rio Tietê, mas sobretudo e em síntese, e sobre o que procurarei discorrer e repetir aqui neste ensaio, um poema sobre a alma meditativa do homem moderno ante a dor pertinaz do existir tão rápido e tão breve e do lugar comum heraclitiano do rio que nos move e nos modifica todos os dias e todos os momentos.

Assim como a vida de Mário de Andrade no que sabemos ou nas imagens que nos chegaram de um homem que parecia tão mobilizado para arte e talvez mais para a música do que para a literatura como se fossem indissociáveis, mas o próprio nome de Mário de Andrade pesa na nossa literatura no que é revelação de uma existência pesada e dura, talvez uma enorme bobagem, por isso importa divagar sobre o poema.

É ousado dizer que o longo poema de Mário de Andrade que consta da *Lira Paulistana* seja o seu mais completo conjunto lírico. O poema é um misto de meditação e diálogo turrão com o rio Tietê. Os ver-

1
O poema se chama “Os homens Ociosos”.

2
Ao tratar da poesia de Rimbaud e Mallarmé.

3
O poema *A meditação do Tietê* se encontra no livro *Lira Paulistana*: p. 54-67.

4
No *Guardador de Rebanhos*; parte XX: “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, / Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia / Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia. / ... Ninguém nunca pensou no que há para além / Do rio da minha aldeia / O rio da minha aldeia não faz pensar em nada. / Quem está ao pé dele está só ao pé dele.” (p. 39-41).

5
A meditação do Tietê, p.54-67.

6
Publicado no livro *Clã do Jabuti*.

Não ter o direito mais é não estar perto do fim da vida, mas estar perto do fim da causa, e a causa modernista e de vanguarda destes poetas modernistas e de vanguarda era um assento confortável para cuspir o mundo para dentro dele mesmo, e quando essa cusparada começa a atingir o próprio poeta, ele sabe que não tem como fugir, pois o vanguardismo é meta-humano, atinge antes de tudo o homem de vanguarda e seu objetivo é iludir o homem de que ele pode ser melhor, como nos lembra Peter Burger acerca da visão de Marcuse sobre o vanguardismo:

A intenção vanguardista transparece com clareza no teorema que Herbert Marcuse esboçou sobre o duplo caráter da arte na sociedade burguesa que já vimos noutra local deste livro. Na sociedade burguesa, a arte encontra-se separada da práxis vital e nela tem guarida todas as necessidades cuja satisfação é impossível na existência quotidiana, com base nos princípios de competência que penetram em todos os âmbitos da vida. A arte conserva valores como humanidade, amizade, verdade, solidariedade, que de certo modo foram bruscamente afastados da vida real. Na sociedade burguesa, a arte desempenha um papel contraditório: ao protestar contra a ordem deteriorada do presente prepara a formação de uma ordem melhor. (BURGER, 1993, p. 91).

E o poeta diz ao rio o quanto ele acreditou nesta ilusão de uma ordem melhor pela poesia e pela arte, mas o poeta pede socorro ao rio, quando sabe que foi enganado em toda esta história da carochinha acerca da arte e das vozes que o desafogariam de um mundo e de uma vida humana sem muito sentido, uma vez que o rio, o Tietê, traria ao poeta a verdade imutável sobre o homem:

E as minhas vozes,
Perdidas do seu tenor, rosnam
pesadas e oliosas,
Varando terra adentro no espanto dos
mil futuros,
À espera angustiada do ponto. Não do
meu ponto final!
Eu desisti! Mas do ponto entre as
águas e a noite,
Daquele ponto leal à terrestre
pergunta do homem,
De que o homem há de nascer.¹⁴

Veja-se que a pergunta indireta, se quer termina como pergunta, mas como uma afirmação e auto resposta, sobre a (in)solucionável condição humana, cuja a única solução é meio que ir sendo, ir-se sendo, aquilo que se pode ser. O rio torna-se espelho irremediável e cruel da condição o poeta, logo do homem.

O rio exige uma reação do poeta, necessária e dura e em estado de natureza primitiva, o poeta precisa urgentemente parar de deificar o rio, para reconhecê-lo como espelho de sua miséria, mas como um rio miserável, porque nele o homem interveio, mas por que o Tietê deixou-se intervir por todos os homens daquela cidade que o transformaram em um rio de águas que estão: “podres de fel”¹⁵? E num rio que é mais que rio é o “Pai Tietê”¹⁶, este pai sujo.

Ao poeta cabe enfrentar o rio e perguntar a ele sobre este povo, filho do Tietê que dele nasceu, que a ele amou, e que sujou o rio, mas um rio que continua, pois é pelo poeta, que agora o achincalha, e continua como “demagogia”, e por que como demagogia?

Para o poeta o rio Tietê é o espelho de seu povo. O povo paulista é para o poeta o povo brasileiro, mais que parte do povo brasileiro? É o próprio povo brasileiro, e no final dos anos 40, o povo brasileiro é o retrato da mais pura irrealidade enquanto povo, é uma demagogia, e se o rio espelha este povo, o rio é Demagogia, pois o rio constrói a si por meio daquelas imagens que são notoriamente das mais belas da estética literária brasileira, expressa por Mário de Andrade ao ver o Tietê como demagogia:

És demagogia em teu coração insubmisso.

És demagogia em teu desequilíbrio anticéptico

E antiuniversitário.

És demagogia. Pura demagogia.

Demagogia pura. Mesmo alimpada de metáforas.

Mesmo irrespirável de furor na fala reles:

Demagogia.

Tu és enquanto tudo é eternidade e malvasia:

Demagogia.

Tu és em meio à (crase) gente pia:

Demagogia.

És tu jocoso enquanto o ato gratuito se esvazia:

Demagogia.

És demagogia, ninguém chegue perto!¹⁷

Ao dizer que o rio é demagogia, o diz por que nos envergonhamos da demagogia de nosso povo, e da nossa antinatureza que se nega para parecermos o que não somos. E nesta hora, o rio espelha a nossa ambição esvaziada de sermos o que não somos, e a fumaça do rio é como o véu que usamos para encobrir a nossa verdade, considerada por nós feita, considerada por outros povos, pouca, e por

14

Andrade, Mário. *Lira Paulistana seguida de O carro da miséria*. São Paulo, Martins Editora, S/D, p. 54-67.

15

A meditação do Tietê, p. 54-67.

16

A meditação do Tietê, p. 54-67.

17

A meditação do Tietê, p. 54-67.

isso: “A própria vida abstrata tem vergonha de ti em tua ambição fumarenta”¹⁸.

Este rio Tietê, espelho da nossa demagogia, cobra nossa demagogia como História, e aparece como História antes, enquanto poema da *Paulicéia Desvairada*. O rio era para o jovem Mário de Andrade matéria de um poema não sobre ele mesmo como nas meditações, mas um poema sobre a natureza histórica de São Paulo, um poema para lembrar de Borba Gato, da influência italiana na formação da sua cidade, da cidade que ele amou no bairrismo acusativo que os modernistas de São Paulo tiveram que ouvir em vida e em morte:

Era uma vez um rio...
porém os Borbas Gatos dos ultranacionais...

...
Vado a pranzare com la Ruth¹⁹

O rio Tietê mais de vinte anos depois nas *Meditações* é o rio do autor que dizia não ser só instinto, mas ter um intelectualismo considerável. Este intelectualismo e esta forma de observar o todo que teria abandonado os furores advindos da *Semana de 22* já estava no seu *Prefácio Interessantíssimo*.

No fundo descobrimos o poeta que reivindicou o Modernismo a tal modo efusivo que talvez tenha se esquecido no nível da consciência que mais que espírito instintivo ou intelectual, tinha uma alma de sensibilidade rara para perceber a dor de tudo aquilo que deu a ele alegria tormentosa de viver, enquanto pudesse transformar em arte, principalmente em lirismo, apesar de em sua opinião a poética ser atrasada em relação a música, contudo o campo ainda de libertação era o da arte.

Esta dor, intrínseca e interna no poema do Tietê, nem sempre declaradamente tão explícita, vem num carro-chefe de manutenção da vontade de existir, a partir desta persistência, deste ato pertinaz, que no poema das *Meditações* nega sua existência já vivida não para apagá-la, mas para transformar aquele presente ante o Tietê no início de sua despedida.

Este reconhecimento aparece como diálogo e alerta em Eliot sobre o homem moderno e sobre o artista, o mesmo citado na epígrafe, quando nos encontramos entre o homem e o artista, e percebemos que somos o mesmo e que não há tanta ou nenhuma diferença em ver o mundo diferente pelo campo das artes, pois estamos e somos ocós.

Ou quando acreditamos por séculos sermos a solução da própria humanidade, simplesmente por sermos poetas, artistas; e o poeta, por vezes,

compra esta briga ilusória e idealista e demagógica, e por isso destina-se a sofrer e a doer.

Mário para tal dilema traz uma imagem bela e trágica sobre o poeta, a imagem do pavão. Belo como um pavão, animal que o belo olho da cauda não permite ver sua própria beleza, contudo é o olho da cauda do pavão que nasce como metáfora ou retrato da perda e da fragmentada possibilidade de ser-se mais do que se é, ou seja, não poder continuar depois de passado o tempo natural de cada homem, e mais uma vez finalizar com a dor, a dor pertinaz, insistente e fatigante:

Olhos que me intrigam, olhos que me denunciam,
Da cauda do pavão, tão pesada e ilusória.
Não posso continuar mais, não tenho, porque os homens
Não querem me ajudar no meu caminho.
Então a cauda se abriria orgulhosa e reflorescente
De luzes inimagináveis e certezas...
Eu não seria tão-somente o peso deste meu desconsolo,
A lepra do meu castigo queimando nesta epiderme
Que encurta, me encerra e me inutiliza na noite,
Me revertendo minúsculo à advertência do meu rio.
Escuto o rio. Assunto estes balouços em que o rio
Murmura num banzeiro. E contemplo
Como apenas se movimenta escravizada a torrente,
E rola a multidão. Cada onda que abrolha
E se mistura no rolar fatigado é uma dor.²⁰

Esta divagação poética é ao mesmo tempo libelo da desistência, pois trata-se de um discurso poético, poético por que lírico, óbvio, discurso, por que desabafo ante o mundo, gera um desconforto de análise, uma vez que o espaço acadêmico paulista, por muitas vezes excessivamente histórico, político e filosófico, talvez reivindique a única possibilidade de ler esta angústia e este discurso poético de Mário de Andrade tão presente em suas cartas, nas narrativas e nas entrevistas inúmeras feitas com e sobre os Modernistas Paulistas, e talvez Mário tenha a fortuna crítica mais rica neste sentido.

Contudo, quanto mais o eu do poema se distancia do Tietê Histórico, a obra poética se torna imemorial, e alça o patamar universal de Eliot, Pessoa, Celan, ou aquilo que Staiger nas relações entre o íntimo do poeta (prefigura-se essencialmente na historicidade do mesmo por maior que seja o distanciamento da subjetividade) e o externo ao poeta (constrói-se na ilusão de

18
A meditação do Tietê, p.
54-67.

19
O poema está nas *Obras
Completas* e se intitula,
Tietê, p.87.

20
A meditação do Tietê, p.
54-67.

desnudar as metáforas do mundo, uma vez que a sociedade deve ser descrita pela prosa), seria o poeta lírico de acordo com ele, aquele que (Staiger, 1997, p.73): “não produz coisa alguma...indolente... abúlico.”²¹

Ser indolente em poesia é não querer fazer qualquer efeito se não provocar o encantamento pela maior naturalidade sem objetividade qualquer, são os estados de contemplação da poesia de Mário que ensinou os modernistas a simplesmente olharem a modernidade passar, e é quando o poeta retorna até mesmo ao mais afortunado uso da poesia pura naquele verve simbolista: “São formas, formas que fogem... formas.”²²

Ou a poesia e seu eterno estado abúlico, pois não há vontade na poesia em resolver qualquer sistema do mundo, e para Mário de Andrade não há que despistar, a poesia é somente um estado de espírito do ser, daquele ser, e não dirá a qualquer homem o que fazer, mas dirá o que é aquele homem que escreve: “Eu sinto uma grandeza infatigável...”²³

Não há como negar e não retomar a ideia do extremo modernismo por trás da *Meditação do Tietê*, contudo o que é mesmo inegável, é que este poema me arrebatou, pois possuí um raro tom entre a singeleza do poeta que se mostra como alma(muitos poetas fazem isso) associado ao poeta que levou a cabo toda a sua lírica modernista construída desde: “Há uma gota de sangue em cada poema”, com: este dizer modernista, muito peculiar, do poeta que parece não parar de falar, e dizer, e dizer, e dizer, como se dizendo não só fizesse poesia, mas também desentalaria o que há de pior para ficar entalado, não aquilo que se saiba ou se sinta, mas exatamente o vazio daquilo que não se sabe e não se sente, e é esta a sensação provocada por toda poesia de Mário de Andrade, como dizia um dos títulos de um de seus livros: “Um remate de males”, a poesia só pode ser um remate de males.

Podemos, então, satisfazer esse ensaio dizendo que este poema das *Meditações* é um falar meio descabido, meio sublime com imagens eternas, meio louco, por que vanguardista, e completamente fragmentado como todo estado de meditação, pois ao se dirigir ao nada para esquecer o todo, a meditação constrói o mais perigoso de todos os ordenamentos à mente, apagá-la por instantes.

E o que salva a meditação de Mário é o rio Tietê. Neste sentido a última estrofe é uma declaração fatal e completa ao rio, onde o estado de meditação e o seu silêncio é para tudo, menos para o Tietê, seu interlocutor necessário, sua alma paulista, seu fluxo mais importante de recordação e presente, em que neste poema a vez do futuro é nenhuma e desnecessária, ousou dizer, ousou afirmar que não

tenho como ler diferente a impossibilidade do futuro ser qualquer coisa nesta das mais densas líricas da modernidade: “A meditação sobre o Tietê”. Leiamos a última estrofe, ou melhor contemplemos:

Eu recuso a paciência, o boi morreu, eu
recuso a esperança.
Eu me acho tão cansado em meu furor.
As águas apenas murmuram hostis,
água vil mas turrona paulista
Que sobe e se espria, levando as
auroras represadas
Para o peito dos sofrimentos dos
homens.
... e tudo é noite. Sob o arco admirável
Da Ponte das Bandeiras, morta,
dissoluta, fraca,
Uma lágrima apenas, uma lágrima,
Eu sigo alga escusa nas águas do meu
Tietê.²⁴

Ser “alga escusa” nas águas do rio é ser o símbolo do paulistanismo e é ser a música da Lira Paulistana, pois se o poema começa como cancionista termina como melancolia, e repitamos é ser oco como a epígrafe e como o diálogo moderno com Eliot. O oco de Eliot é o escuso de Mário de Andrade. Para o poeta esconder-se nas águas do Tietê é a única forma de meditar conscientemente e poeticamente sobre tudo o que deu e o que não deu esta modernidade. Se lembrarmos que Mário de Andrade ao escrever *A meditação sobre o Tietê* estava tão próximo da morte, e se lembrarmos que Mário de Andrade morre no ano que finda a Segunda Guerra e que este poema teria sido terminado menos de um ano antes do seu fim físico, material, podemos dizer que um dos fins da modernidade era o fim da guerra, era o fim de Mário de Andrade, e sua meditação era um tipo de testamento lírico final como toda sua Lira Paulistana.

Recentemente, ao ler o elogio de Haroldo de Campos sobre a poesia de Oswald de Andrade quando da edição de seus poemas completos por este mesmo teórico e poeta, me apercebi de uma ironia quase que cruel contra Mário de Andrade, quando ao esboçar uma diferença da poesia de Oswald de Andrade, Mário é chamado de esteta por Haroldo de Campos: “Pois Mário de Andrade, o esteta, não avaliou bem a importância da estética redutora de Oswald.”(Campos, 1971, p.18).

Mário de Andrade não era um esteta, era um homem moderno, realmente preocupado com a modernidade e suas consequências, pois o poeta e o eu-lírico que se preocupa com “os sofrimentos dos homens” e se coloca como alga, parte do rio e parte da história de São Paulo a ele tão cara, foi o poeta que oco e escuso, teve aos seus leitores sempre uma lágrima sincera para dar, pois a

21

Este conceito é um aprofundamento de leitura sobre o papel do poeta nos estudos acerca do gênero lírico.

22

A meditação do Tietê, p. 54-67.

23

A meditação do Tietê, p. 54-67.

24

Andrade, Mário. *Lira Paulistana seguida de O carro da miséria*. São Paulo, Martins Editora, S/D, p. 54-67.

lágrima oferecida é a poesia mais viva de alguém completamente sensibilizado mesmo que a enorme fragilidade humana, ou a dor pertinaz não permitam a este homem sustentar mais a vida..

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. *Lira Paulistana seguida de O carro da miséria*. São Paulo: Martins Editora, S/D.

_____. *Obras Completas* na edição crítica de Diléa Zanotto, Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1987.

BURGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. Trad. Ernesto Sampaio. Lisboa: Editora Vega, 1993.

CAMPOS, Haroldo. “Uma poética da radicalidade”. In. Andrade. Oswald. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

ELIOT, T.S. *Poesia*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. Tradução Marise Emi Curione. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.

HABERMAS, Jurgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Tradução de Luís Sérgio Repa. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PESSOA, Fernando. *Poesias completas de Alberto Caeiro*. Lisboa: Luso Livros, s/d.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais de Poética*. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997